

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
LUX PRÉMIO DO PÚBLICO 2024
22 de Fevereiro de 2024

KUOLLEET LEHDET / 2023
(Folhas Caídas)

Um filme de Aki Kaurismäki

Realização e Argumento: Aki Kaurismäki / Direcção de Fotografia: Timo Salminen / Direcção Artística: Ville Groomos / Guarda-Roupa: Tiina Kaukanen / Som: Pietu Korhonen / Montagem: Samu Heikkilä / Interpretação: Alma Pöysti (Ansa), Jussi Vatanen (Holappa), Janne Hyytiäinen (Huotari), Nuppu Koivu (Liisa), Martti Suosalo (Rainio), Matti Onismaa (patrão da metalurgia), Alina Tomnikov (enfermeira Tonja), Sakari Kuosmanen (homem do casaco), Mikko Mykkänen (segurança do supermercado), Simon Al-Bazoon (funcionário do café), Sherwan Haji e Karar Al-Bazoon (colegas de casa), etc.

Produção: Sputnik Oy – Bufo – Pandora Films / Produtor: Aki Kaurismäki / Cópia digital (DCP), colorida, falada em finlandês com legendas em português / Duração: 81 minutos / Estreia em Portugal: 11 de Janeiro de 2024.

Custou mas foi, e depois de muita insistência e algumas falsas partidas Aki Kaurismäki é hoje um cineasta “consagrado”, reconhecido como um dos últimos grandes bastiões do cinema europeu e de uma ideia de “cinema de autor” que é também ela bastante europeia, e reconhecível por um público que extravasa os nichos cinéfilos a que essa ideia parece cada vez mais confinada (admitindo que não é mesmo todo o público do cinema que se tornou, ele próprio, num nicho).

A aclamação geral de **Kuolleet Lehdet**, o impacto que teve, talvez tenha mais a ver com um momento feliz de “alinhamento” (entre a sensibilidade do público e a proposta que o filme lhe faz) do que com qualquer elemento novo que o filme traga ao cinema de Kaurismäki. O finlandês faz aqui, basicamente, o que sempre fez: tratar personagens à beira do lumpemproletariado, pintar o mundo em volta delas numa peculiar mistura de realidade e de irrealismo (é, no fundo, esta mistura aquilo a que Peter von Bagh chamava a “Kaurismakilândia”), desenhar um pequeno e nada histórico maniqueísmo (de todos os “maus” deste filme, basicamente os patrões, só o homem do supermercado que despede Ansa não merece qualquer traço que o venha humanizar ou, pelo menos, compreender), e oferecer-lhes, às personagens e ao espectador, qualquer coisa, uma felicidade simples, ou uma hipótese de felicidade simples, agridocemente conquistada por entre as maiores dificuldades e vicissitudes. Simples é também o percurso, a estrutura, completamente centrada, e praticamente sem desvios, nos encontros e desencontros dos seus protagonistas – mas esta simplicidade (há na obra de Kaurismäki filmes com uma estrutura bem mais complexa e intrincada) não é uma simplicidade de “princípio de caminho”, básica ou primitiva, é o seu oposto, é aquela forma de simplicidade que só é possível depois de se passar pela sofisticação, é aquela

simplicidade que vem da depuração e de uma noção límpida da fronteira entre o essencial e o acessório.

Kaurismäki gosta de pensar os seus filmes em grupo de três, em “trilogias”. **Kuolleet Lehdet** é, nesse aspecto, singular, porque interrompe a “trilogia” em que estava lançado (a “trilogia portuária” dos dois filmes anteriores, **Le Havre** e **O Outro Lado da Esperança**) e se vem juntar a uma “trilogia” mais antiga, fechada na segunda metade dos anos 1980, a “trilogia operária” (de que é, este filme, a “quarta parte”, como disse Kaurismäki e com bastante graça). Mas não faz diferença nenhuma, como é evidente, e de resto a relação com a “trilogia portuária” (que era uma forma de abordar os movimentos migratórios na Europa contemporânea) faz-se com toda a naturalidade – aquela galeria de secundários sírios, os colegas do protagonistas, o funcionário do “internet café”, dão esse mundo, também entre a realidade e a fábula, em que os migrantes foram acolhidos e integrados, bem ou mal mas acolhidos e integrados (e um deles, tornando a relação óbvia, é mesmo interpretado por Sherwan Haji, o protagonista de **O Outro Lado da Esperança**).

E como a grande maioria dos filmes de Kaurismäki, **Kuolleet Lehdet** é essencialmente uma história de amor, uma história sempre adiada e entrecortada por micro-tragédias e grandes desencontros. Não é à toa que os diálogos à porta do cinema entre Ansa e Holappa são enquadrados contra um cartaz do **Brief Encounter** de David Lean, esse filme é a principal referência “clássica” do de Kaurismäki. E de resto, fora os muitos cartazes que ornamentam os cenários, a “cinefilia” aqui é quase muda, interiorizada, por exemplo na aura das personagens masculinas, autênticos cowboys lacónicos e solitários, e o primeiro diálogo entre Holappa e Huotari é filmado como um célebre plano com James Stewart e Richard Widmark no **Two Rode Together** de John Ford – e Holappa, ele próprio, ou melhor, o actor Jussi Vatanen, parece o resultado de um cruzamento entre James Stewart e John Carradine, com aquela aura de dignidade magoada das personagens fordianas. Para além disso tudo, claro, Chaplin, o herói proletário por excelência, modelo longínquo dos “tramps” de Kaurismäki, belissimamente citado naquele plano final em que o casal, acompanhado pela cadela que se chama, claro, Chaplin, parte, ele um bocado tropegamente, em direcção ao horizonte. O amor não é só entre este par, é um amor, um sentido de solidariedade que aqui é outro nome para uma autêntica filantropia, que pode acontecer entre desconhecidos – é um mundo em que as pessoas tendem a ajudar-se umas às outras, seja deixando-as ficar com produtos rejeitados pelo supermercado, seja emprestando um casaco, seja recusando colaborar com o alcoolismo dos amigos (“não trouxe bebida para ti”, diz Huotari a Holappa naquele plano, no bar, em que Holappa já percebeu que talvez seja boa ideia deixar de beber, e a frase tem a força de um gesto de amor).

Entre “karaokes” e muitas canções que não precisam do “karaoke” para existir, **Kuolleet Lehdet** é uma aproximação antiga/moderna (ou “moderna” porque, justamente, “antiga”) aos melodramas realmente populares que já não existem, passaram de moda, extinguiram-se na mesma medida em que se foi extinguindo o tipo de crença muito particular que eles pediam, mas também ofereciam, ao espectador. A necessidade de acreditar no cinema como um refúgio da realidade, não completamente escapista, mas sempre em sublimação dessa realidade. É que **Kuolleet Lehdet** é, em todas as acepções da palavra: um filme sublime.

Luís Miguel Oliveira